

Memórias e histórias culturais, sociais e radiofônicas

das décadas de 1940 a 1970 narradas por Jutta Hagemann¹

Izani Mustafá²

Fundação Ippuj e Faculdade Anhanguera de Joinville

RESUMO

O presente artigo apresenta uma entrevista piloto para o desenvolvimento da tese que pretende reunir as narrações de ouvintes das primeiras rádios de Joinville – Difusora, Colon e Cultura (1940 a 1970). A proposta inicial é reconstituir com os ouvintes, idosos com idade acima de 65 anos, um relato sobre se percebiam nas emissoras as relações políticas que mantinham com os principais partidos da época: PSD, PT e UDN, se acreditam que havia influências políticas na estruturação dos programas e se os locutores influenciavam os ouvintes por estarem dentro ou serem simpatizantes de determinados partidos. Para esta etapa do campo investigativo foi escolhida uma senhora de 85 anos, Jutta Hagemann, nascida em Joinville. A entrevista foi elaborada com um questionário exploratório e semi-aberto.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; História; História oral; Política; Partidos políticos

Um breve panorama das três primeiras rádios de Joinville

Os primeiros passos para a formação da radiodifusão em Joinville tiveram início no final da década de 1930, por iniciativa de um idealista e técnico em eletrônica Wolfgang Brosig, neto do imigrante alemão Otto Boehm. Ele revendia receptores, fazia experiências de transmissões de sons em sua casa e instalou os primeiros alto-falantes na cidade para transmitir, por exemplo, o discurso do presidente Getúlio Vargas, em 7 de setembro de 1938. Dois anos depois, ele conseguiu atrair empresários e simpatizantes do Partido Social Democrático e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) para formar a sociedade anônima Radiodifusora de Joinville. A outorga para autorização do governo federal para a primeira rádio de Joinville entrar no ar foi concedida em outubro de 1940. Em 1º de fevereiro de 1941 a Rádio Difusora AM (ZYA-5) entrou no ar oficialmente. Era conhecida como o quartel-general do PSD.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² MUSTAFÁ, Izani. É jornalista (UFSM), mestre em História do Tempo Presente (Udesc) e doutoranda em Comunicação Social (PUC/RS). Atualmente, é assessora de imprensa da Fundação Ippuj e professora da Faculdade Anhanguera de Joinville (SC). Integra o grupo de pesquisa de Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Foi professora das disciplinas teórica e prática de rádio na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc por 8 anos. E-mail: izani@brturbo.com.br

Entre os locutores, destacava-se Jota Gonçalves, considerado o primeiro locutor oficial de Santa Catarina e que apresentava programas de auditório e fazia comentários políticos. A emissora era a voz do PSD e do PTB e, naturalmente, impedia que os partidários da União Democrática Nacional (UDN) utilizassem o microfone. O fato motivou o partido, liderado no estado pela família Konder-Bornhausen, a instalar a Rádio Colon AM, inaugurada oficialmente em 28 de maio de 1958. A emissora era um sonho do ex-prefeito João Colin, mas quem a administrou foi o filho e ex-deputado estadual Pedro Colin. Naquele período, a rádio recebeu recursos da UDN e tinha os equipamentos de última tecnologia, um estúdio moderno e contratou profissionais de outras cidades. Ficou conhecida como a rádio da elite joinvilense.

Um ano depois, em 1º de julho de 1959, a Rádio Cultura AM começa as transmissões oficiais, três anos depois de funcionar em caráter experimental. Foi criada por Jota Gonçalves com a ajuda de Wolfgang Brosig, que doou equipamentos sucateados. A terceira emissora, que era para ter sido a segunda na cidade, tinha um vínculo partidário forte, já que Jota estava na política, havia sido vereador, deputado estadual e concorrido a prefeito de Joinville, em 1956.

Foi neste cenário político, de disputas entre o PSD/PTB, cujo controle estava nas mãos da família Ramos, e a UDN que surgiram as três primeiras rádios de Joinville. O contexto das décadas de 1940 e 1950 contribuiu, como afirma Ortiz, para que “a esfera da comunicação” emergisse num “espaço de disputa, cultural e política. Nela estão engendrados valores, ideologias e crenças³”. Em Joinville, a exemplo de muitas outras cidades catarinenses e brasileiras, a esfera da comunicação tinha o rádio como o centro das disputas políticas.

Uma metodologia fundamentada na história oral

Para a produção deste artigo, a autora trabalhou com a história oral, principalmente porque o tema é contemporâneo e os sujeitos, neste caso, os ouvintes das três primeiras rádios de Joinville (SC), estão vivos e podem dar seus depoimentos e relatos pessoais sobre a relação que mantinham com este importante veículo de comunicação do século 20. A escolha por este tipo de metodologia neste campo investigativo é corroborada por Ferreira quando afirma que a História do Tempo

³ ORTIZ, Renato. **Um outro território: Ensaio sobre a mundialização**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1996. p. 104

Presente é “portadora da singularidade de conviver com testemunhos vivos que sob certo aspecto condicionam o trabalho do historiador, coloca obrigatoriamente em foco os depoimentos orais⁴”.

A proposta de ouvir uma personagem que possa nos revelar como era a sua ligação com o rádio, será como construir uma história de um momento da vida dela, de acordo com o contexto e a sociedade em que viveu. Segundo Thompson, a relação entre o ouvinte e o entrevistado propicia o contato entre diferentes gerações e, ao mesmo tempo, provoca no narrador um sentimento de “pertencer a um determinado lugar e a determinada época⁵”. Nesta pesquisa, a história oral objetiva reconstituir apenas uma história local que envolve o rádio, a política e a cultura das décadas de 1940 a 1970, por meio de uma pessoa que pode ser um ouvinte em potencial ou não.

Como afirma Bosi,

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho de reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparaçã⁶.

É o que a autora se propõe a fazer neste projeto. Ouvir narradores a fim de que suas lembranças revelem a relação deles, existentes ou inexistentes, com o rádio. Para Bosi, “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano⁷”. É neste momento que os diferentes, os excluídos da história oficial, os sem voz, como negros, mulheres, velhos e trabalhadores, podem tomar a palavra e dar a sua versão sobre um fato, um momento vivido em um determinado período. “A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios⁸”, salienta Bosi. É por meio da evidência oral que os sujeitos vão contribuir para que a história seja “mais rica, mais viva e mais comovente⁹”, e também verdadeira. A pesquisadora acredita que a memória dos velhos pode ser sim “um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do

⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. **Intitucionalização e expansão da História Oral: dez anos de IOHA**. In: História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, v. 10, n.1, jan-dez. 2006. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral. p.136

⁵ THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 44

⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 39

⁷ BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 15

⁸ Idem. p. 15

⁹ Idem. p. 137

passado¹⁰” e conter uma riqueza de informações que escapariam dos registros documentais.

Os caminhos para a entrevista

A fim de realizar a primeira entrevista de uma série que será necessária para a tese, a autora buscou informações com Bosi que observa: “Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência¹¹”. Ao entrar em contato com a senhora Jutta, primeiro por telefone, foi explicado o objetivo da entrevista. Ela foi solícita e aceitou o encontro sem muitas indagações. No final de semana anterior a entrevista utilizada neste artigo, ela foi destaque no jornal Notícias do Dia. Uma foto dela sorridente ilustrou a matéria de duas páginas intitulada apenas com o seu nome “Jutta Hagemann” e tendo à esquerda, um olho com a chamada “Memória”. O foco da matéria ficou por conta dela ter completado 85 anos, em 19 de julho. A personagem demonstra um domínio de lembranças do cotidiano de Joinville fundamentais para auxiliar qualquer historiador. Bosi faz uma ressalva a respeito:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana¹².

Jutta demonstra que se sente honrada em poder conceder entrevistas e tem consciência de que muitos detalhes da vida que ela viveu e viu estão em sua memória. Certamente relata sobre o que gosta mais, deixando de lado o que a maioria ou a memória coletiva se recorda a respeito de determinados fatos e momentos. Como enfatiza Halbwachs, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual¹³”. De acordo com o sociólogo,

Para localizar uma lembrança, não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos a nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora?¹⁴”

¹⁰ BOSI, Ecléa Idem. p. 15

¹¹ Idem. p. 48

¹² Idem. p. 49

¹³ Idem. p. 335

¹⁴ Idem. p. 335



E para a narradora desfilar os fios que formam a memória, foi necessário pensar e elaborar um questionário para ser utilizado neste primeiro encontro, para a primeira entrevista. A entrevista não deveria ser tão informal e nem tão formal. Foi preciso encontrar um meio termo para redigir perguntas que possibilitassem um conhecimento mais aprofundado sobre ela, sobre sua relação com o rádio e sobre a sua opinião se o rádio tinha influência políticas.

Para a entrevista exploratória sobre a senhora Jutta, a reportagem publicada no jornal Notícias do Dia foi de grande importância porque continha informações primárias sobre ela e sua família. Com as informações básicas, foi possível elaborar um primeiro questionário com apenas cinco perguntas, a fim de certificar alguns dados e aprofundar os de maior interesse nesta etapa. Para compor a entrevista piloto, a pesquisadora também preparou mais dez questões, com o objetivo de conhecer o interesse dela e como se relacionava com o principal meio de comunicação do século 20.

Segundo Bosi, é necessário que os procedimentos de história de vida e as perguntas exploratórias sejam combinados para permitir “ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado¹⁵”. A pergunta tem que ter em seu “bojo a gênese da interpretação final: é uma verdade que não se pode negar¹⁶”. É imprescindível que a liberdade do narrador seja respeitada. Além disso, é preciso respeitar “os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa efetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo [...]”¹⁷.

A exemplo do que afirma Bosi, a pesquisadora também procurou recolher o máximo de informações sobre o tema para formular perguntas que estimulassem a entrevistada. Para isso, conversou com sua neta, a advogada Roberta Noroschny Schiessl, que descreveu a avó numa conversa no trabalho. A fim de que cada uma se conhecesse mais, ambas trocaram livros. A autora enviou pela neta a obra “Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora AM. A Radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)”, resultado da sua dissertação em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e recebeu dela a obra “Joinville – os pioneiros: documentos e história”, organizado pela filha Maria Thereza Böbel e Raquel S. Thiago,

¹⁵ BOSI, Ecléa. p. 335

¹⁶ Idem. p. 335

¹⁷ Idem. p. 335

uma biografia sobre a história de Joinville, dos imigrantes, de suas origens e em que circunstâncias chegaram à cidade entre 1851 e 1866.

O encontro aconteceu na casa da depoente, o que possibilitou à autora conhecer a atmosfera familiar em que vive e a hospitalidade dela. Somente as duas conversaram numa sala, sentadas junto à uma mesa de jantar, facilitando a Jutta apresentar dois livros com fotos sobre Joinville nos séculos 19 e 20. A primeira etapa da entrevista piloto foi cumprida e deve servir de modelo como uma metodologia para as demais entrevistas para a tese. A pesquisadora pretende realizar outras entrevistas com a senhora Jutta para que alcance a entrevista considerada ideal e que Bosi define como sendo “aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera¹⁸”. Na opinião dela, é a “partir da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista¹⁹”.

E seguindo na linha de raciocínio da psicóloga social, é salutar concordar que o narrador e o entrevistado devem viver juntos uma aventura comum onde o sentimento de gratidão esteja presente. De um lado o ouvinte deve agradecer pelo que aprendeu e o narrador pelo momento concedido de rememorar fatos que estão guardados em sua memória. Ambos, destaca Bosi, “sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. Ambos sofrem o peso de estereótipos, de uma consciência possível de classe, e precisam saber lidar com esses fatores no curso da entrevista²⁰”.

As duas também tiveram que transpor as distâncias temporais entre a narração e as experiências vividas para se deixarem levar pela aventura de conhecer os fatos por meio da história oral, utilizado, neste caso, como uma metodologia. Durante a entrevista, a pessoa sistematiza a sua história de acordo com a sua “lógica afetiva cujos motivos ignoramos; enfim, recontar é sempre um ato de criação²¹”. Quando o pesquisador está com a fonte, é necessário esquecer a pressa, ter paciência e respeitar o silêncio, as pausas e, principalmente, as declarações emotivas e fragmentadas. Essas atitudes e comportamentos têm significações e compõem a narrativa.

¹⁸ BOSI, Ecléa. p. 60

¹⁹ Idem. p. 60

²⁰ Idem. p. 61

²¹ Idem. p. 62

A primeira personagem, dona Jutta

“Quando se trata da história recente, feliz do pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivo e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!²²”. Neste caso, a história é recente, próxima da entrevistadora e vivida e guardada na memória de uma personagem. Bosi tem razão quando afirma que cabe ao pesquisador “interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento²³”. Então, para dar início a uma etapa da tese, a autora seguiu o conselho da orientadora e foi a campo para fazer uma entrevista piloto com uma senhora, uma das prováveis ouvintes de rádio.

Dona Jutta, como gosta de ser chamada, é Jutta Hagemman que, neste artigo, é a narradora de suas viagens realizadas em 85 anos de vida. Aquela que, como diz Benjamin, ficou em sua terra, conhece os conterrâneos, pelo nome ou apelido, e grande parte do passado. De acordo com Benjamin, existem

dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita. O narrador vence distâncias no espaço e volta para contar suas aventuras (acredito que é por isso que viajamos) num caminho do mundo onde suas peripécias têm significações²⁴.

A lucidez permite que ela se recorde com os mínimos detalhes de diferentes passagens vivenciadas no século 20 em Joinville e faça comparações de determinados comportamentos característicos do século 21. Para Jutta, que tem sua cabeça coberta por cabelos brancos, bem penteados, hoje tudo “é bem diferente”. É natural de Joinville e seus avôs vieram da Alemanha.

Estudou inicialmente no colégio Santos Anjos e depois no Conselheiro Mafra, que era o antigo Padre Carlos. Formou-se como Contadora no colégio Bom Jesus, com 19 anos. Ela nunca trabalhou como Contadora e diz que fez esse curso porque não queria parar de estudar. Casou com 20 anos e teve duas filhas: Maria Thereza e Maria Christina. De 1946 a 1951, morou no Rio de Janeiro. Quando retornou para Joinville, já desquitada, é que começou a trabalhar. Na Fundação Tupy e na Ambalit foi secretária e na Buschle Lepper foi secretária da área de comércio exterior.

²² Idem. p. 16-17

²³ Idem. p. 18

²⁴ BENJAMIN, Walter. In: BOSI, Ecléa. Idem. p. 43



Viver em Joinville, segundo Jutta, era gostoso. Ela conta que saia pouco porque era desquitada, mas descreve o meio social e cultural como se tivesse feito parte:

Mas a vida era mais calma, bem mais calma e, apesar dessa nacionalização do Getúlio, porque ele cortou muita coisa da cultura, havia muita apresentação de cantores, artistas, pianos, concertos, teatro, que agora parece que está retornando. A vida social era, num certo ponto, intensa. Tinha muita, muita... companhias de teatro, vinha artistas de fora, patinadores do gelo, vinha muita coisa. Entre 50, 60 até começo de 70. Getúlio interferiu muito na época da guerra²⁵.

Ela relembra que todos os sábados eram realizados bailes e a programação de teatro era intensa nas sociedades da Lira e da Liga. Os bailes da Lira eram famosos na cidade e as mulheres e homens usavam trajes luxuosos e “belíssimos”. “Tinha baile dia 31, baile de Aleluia, 21 de abril, tinha um baile em junho ou julho, 15 de novembro, 7 de setembro, sempre tinha baile. [...] Eu sei que um ano meu pai disse no final do ano, chega de ir a baile, nós fomos todos os sábados a bailes”.

Os bailes, lembra ela, eram diferentes:

Você conversava, você tinha chance de ir para uma mesa para outra. Não ficava isolado. Os bailes começavam cedo, 8, 8 e 30. Atravessa à noite, era uma orquestra só. Baile de 31 podia contar que ia até 8, 9 horas da manhã. Eles faziam assim: todo mundo dançava, seis da manhã todo mundo ia para rua, fazia uma volta pela cidade, e voltava... lá na padaria Brunke, comprava pão d’água.

As peças teatrais eram apresentadas em alemão e poucas em português porque todo mundo falava esse idioma. Somente quando Getúlio Vargas deu início à Campanha da Nacionalização, entre 1937 e 1945, cujos objetivos eram reduzir a influência alemã, com a proibição da fala do idioma, e fortalecer a integração nacional, é que as apresentações eram encenadas apenas em português.

O contexto cultural da cidade teve ainda a presença de músicos de renome nacional como Bydu Sayão, Peri Machado, para ela, na época o maior violonista do país, e a Orquestra Sinfônica Brasileira. Mais tarde, entre 1956 e 1960, estiveram em Joinville os atores Paulo Autran, Juca de Oliveira, e a Companhia Brasileira de Teatro. “Eles passaram uma semana aqui. Eu me recordo que daqui foram para Curitiba e aí meus pais foram assistir lá. Muita gente foi para lá. Tinha muitas apresentações”.

²⁵ HAGEMANN, Jutta. Entrevista concedida à autora, em 23 de junho de 2011, em Joinville (SC).

Segundo Jutta, os cinemas Rex e Palácio exibiam “filmes maravilhosos”. Ela narra que as pessoas dançavam antes da sessão do cinema. “Como os salões eram retos, lisos, então não tinham as cadeiras colocadas, então tocava música na frente da tela, antes de abrirem. Tinha uma orquestrazinha que tocava. A dança parece que ia da uma meia às 6 e depois colocavam as cadeiras. Isso deve ter durado até 38, 40”, completa ela depois de pensar por alguns minutos antes de citar as datas.

A relação com o rádio no século 20

Quando a autora decide abordar o tema rádio, já sabe, por exemplo, que Jutta não gosta de ouvir rádio porque os locutores falam sempre na mesma entonação de voz. Um desafio e um aprendizado para a pesquisadora que escolheu esta senhora para escrever a entrevista piloto para este artigo. Quando questionada sobre sua relação com o rádio, o principal veículo de comunicação do século 20, e se costumava ouvi-lo, Jutta pára para pensar e, finalmente, começa a narrar:

Nós tínhamos rádio lá em casa, eu devia ter talvez 8, 9 anos. Eu sei que lá em casa o rádio ficava na sala e às 6 da tarde ouvíamos o programa “Chiquinho, Chicote, Chicória”, era um programa, todo mundo de banho tomado, com pão na mão, a vizinhança também vinha, ele deve ter morrido talvez há 10 anos. Ele fazia um programa de uma escola, então tinha um branco, um brasileiro, um pretinho e um japonês, que eram os alunos, e tinha ele como professor, e fora o que vinha junto. Tudo isso ele fazia sozinho. Era aula de Matemática, de Geografia, de História. Era muito gostoso. A gente não perdia capítulo, mas de jeito nenhum que se perdia um capítulo.

Ao descrever o programa, que misturava humor e também oferecia conhecimentos gerais, ela ri muito. Na verdade, dá gargalhadas e se diverte, como se estivesse ouvindo os personagens. Depois, completa, foi lançado um gibi “Chiquinho, Chicote, Chicória”, Jutta relata que era sagrado ouvir o programa por meio do rádio que era uma “caixa meio grande e nós todos sentados na frente ouvindo”. Jutta é uma mulher reservada, mas quando relembra algo positivo, se revela humorada, alegre e feliz por ter vivido experiências boas com sua família, como neste caso, quando se reuniam na sala, ao redor do rádio para ouvir determinados programas.

Outra fase marcante que ela citou na entrevista foi quando era mais jovem e estava no ginásio, o antigo ensino de nível médio, por volta de 1942. Coincidentemente era a época de ouro no rádio quando todos os ouvidos ficavam atentos, principalmente,

às novelas. Jutta lembra que ela e a irmã escolhiam o arroz para a mãe e ambas ficavam na sala, pertinho daquela caixa. Escolhiam o arroz e ouviam a radionovela.

Tinha novelas lindas, eram os bosques de Viena, era a história daquela Cisse. Tinha ‘Rosa de Sangue’ que tocava uma sinfonia de Tchaikovsky, a sexta sinfonia de Tchaikovsky. Eu sempre me lembro, era Benedito Valadares, era uma briga eterna porque a minha mãe queria o arroz para cozinhar e nós estávamos escolhendo o arroz.

Aos poucos, outras lembranças vem à tona. À noite, completa a senhora, a família ouvia notícias e alguns outros programas, sem especificar quais eram. Em seguida ela frisa que havia muitas novelas no rádio e que acompanhou uma duas vezes e que nas duas vezes não pode ouvir o final. Ela era famosa e também, depois, passou na televisão, afirma Jutta que demorou alguns minutos para lembrar o nome. “Tinha um tal de Antônio [...] tinha uma velha preta, depois passou na televisão essa novela. Eu sempre esqueço o nome dela. Era na Tupi”. Depois de dizer que na Rádio Difusora de Joinville também teve radionovelas, ela finalmente lembra o nome da novela e diz com alegria de quem venceu a memória: “Direito de Nascer. Os artistas eram bons, muitos deles depois foram para a televisão. As vozes eram muito bonitas. Também naquela época não tinha tantas revistas. Uma que outra aparecia na “A Noite Ilustrada”, uma dessas revistas”.

A programação das rádios de Joinville

Jutta admite que ouviu e ouviu muito pouco rádio. Ela diz que a filha, sem citar o nome de qual das duas, ouvia bastante rádio. Ela confessa que não aguenta o tom de voz porque

eles vão, vão, vão, eles não variam... uuuuuuuuu. Tinha uma rádio, Cultura? Era Cultura? Eu ouvia muito um programa clássico, muitos concertos, eu ouvia um, um concurso de piano, que depois esse pianista veio para o Brasil e tocou e nós ouvimos à noite que ele tocou a peça e recebeu um prêmio, isso eu me lembro bem. Meu pai tinha um rádio pequeno no quarto dele. Papai gostava de ouvir rádio, notícias.

Jutta revela o seu gosto por música clássica e que adorava ouvir os concertos no rádio. Segundo ela, muitos discos foram comprados em função das canções que tocavam no rádio. No dia seguinte, exemplifica, após ouvir alguma música bonita, o pai, a mãe ou ela ou a irmã iam até uma loja de discos para procurar o LP que tivesse aquela

música. E na medida em que vai descrevendo o fato, emenda para citar um pianista que tocou uma sonata de Beethoven, cujo nome deveria ser Tempestade. A memória dela com relação a esse momento e ao nome da canção está correta.

Para não deixar de falar sobre o rádio, comenta que a filha, novamente sem dizer se é Maria Thereza ou Maria Christina, é que gostava de ouvir rádio e sempre sintonizava numa emissora de Porto Alegre para ouvir piadas e algum programa político sobre os políticos. De manhã, depois de escutar as notícias, vinho logo contar as barbaridades que os políticos faziam.

A política no rádio eram os comícios

Depois de uma hora de entrevista, a pesquisadora questiona sobre se havia política no rádio. Jutta se recorda que ouvia os comícios transmitidos e fala sem detalhes de que depois os locutores faziam comentários sobre as declarações dos supostos candidatos. “Eles diziam barbaridades...”, reforça sem explicar os tipos de palavras que eram ditas e nem porque eram barbaridades na opinião dela. Em seguida ela volta a destacar que a filha Thereza é que sempre tinha uma lista de histórias sobre os políticos para contar a ela e aos demais familiares ou para quem estivesse interessado em escutá-la.

Como se quisesse se desculpar por não ser uma ouvinte de rádio e muito menos dos programas voltados para a política, Jutta explica que trabalhava muito e que em 1961 tinha sido um ano de votação. Como era secretária na Fundação Tupy, lembra-se que naquela época já tinha gravador e as secretárias ouviam os comícios gravados e passavam para estenografia.

Copiavam aquilo que eles diziam para depois passar à máquina, então, tinha barbaridades, um xingava o outro, e no dia seguinte os dois estavam tomando cerveja. Tinha coisas bem gozadas. Ainda mais que aqui, os candidatos a maioria pensava em alemão e falava em português e a tradução não fechava. Isso acontecia. A maioria que era candidato, tá certo que falava português, mas eu acho que pensavam em alemão.

A conclusão que chega a respeito dos políticos daquele século provoca risadas na dona Jutta. E quando a autora questiona sobre se os locutores eram ligados à política, ela responde rapidamente que não se lembra disso e, logo em seguida, completa que o Pedro Colin era político. Pedro Colin era filho de João Colin e foi quem administrou a

Rádio Colon AM que entrou no ar em Joinville em 1958, com o apoio financeiro e político da União democrática Nacional (UDN). Na sequência, ela cita, pela ordem, Helmuth Fallgatter, o Henrique Maia e o Jota Gonçalves, primeiro locutor profissional de Santa Catarina, locutor por quase 17 anos da Rádio Difusora AM e criador da Rádio Cultura AM, a terceira a ser fundada oficialmente na cidade, em 1959. Entre os três, Jota Gonçalves era o único comunicador e totalmente envolvido em política. Apesar disso, a narradora se recorda que ele apresentava um programa voltado para as empregadas. “Eu sei que ele tinha um negócio de empregadas, para arrumar emprego, como diarista assim, sabe?. Eu não me lembro bem. As empregadas é que adoravam o Jota Gonçalves”.

E como era este apresentador do rádio, pergunta a pesquisadora, ampliando o questionário que havia sido elaborado.

Ele era muito dado, era simpático, era dado, até certo ponto bem educado. Ele tinha o poder de agradar. Eu não sei, o tal de programa dele, das empregadas, era o máximo. Ou ele arrumava emprego, ou ele fazia política para elas votarem, alguma coisa assim. Eu teria que me informar com alguém.

Depois ela acrescenta que o pai ouvia os programas dele e ela e a família tinham que ouvir. Um dos programas era a Hora do Brasil, “para saber as notícias, isso lá em casa não se perdia, sempre se ouvia a Hora do Brasil”.

Senhora Jutta e a distância da política

A política realmente não é um tema que Jutta domina e fala como fez com os outros assuntos, mais voltados para o cotidiano da cidade. Ela acredita que o pai era da UDN, mas, ao mesmo tempo, observa que “ele nunca se meteu em política e nunca foi à um comício. E nem permitia que nós fôssemos. Ele dizia que onde havia muita gente, o negócio era perigoso”. Pode ser que ele tenha tido alguma experiência negativa com relação à política, deduz. E logo imita a voz dele: “Não vão, não se metam nisso. Vocês não lucram nada. Ele não gostava de política. Ele simpatizava com um ou outro, reclamava. Mas não era de participar”.

A narradora tenta encontrar uma resposta e cita o período da Segunda Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, salienta que a família dela não sofreu com as perseguições

aos alemães e descendentes. Jutta se recorda que na casa da família todos falavam o português e também o alemão.

Eu fui criada com as duas irmãs e, desde pequeninha, falava as duas línguas misturadas, não lembrava uma palavra e falava em alemão. Minhas filhas também. Tudo era misturado. Você conversava em português, falava uma palavra e falava em alemão. Todo mundo entendia. Não havia aquela coisa só de falar o alemão. Meu pai e minha mãe sempre diziam que nós tínhamos que falar duas ou três línguas. Nós tínhamos, na escola, francês, inglês e latim. Alemão era separado, então nós íamos à aula de alemão.

Com a proibição de falar alemão, ela conta que a comunicação nesse idioma foi reduzida. Mas, para manter o conhecimento dessa língua, a mãe incentivava a leitura de livros em alemão. Assim, ela e as irmãs liam romances com uma escrita de fácil compreensão e quando não entendiam determinada palavra, pediam para os pais traduzirem.

A influência da política nas rádios de Joinville

A terceira parte do questionário pré-elaborado para ser aplicado envolvia a questão da influência da política nas três primeiras rádios de Joinville. Na opinião de Jutta, havia sim uma interferência, “acho que o povo, povinho em geral, já se deixa influenciar muito. O modo deles falarem. Por que nada mais é do que uma lavagem cerebral, né? Você escuta todo o dia a mesma coisa. Acho que influencia muito”. Antes de dar continuidade ao diálogo com a narradora, a autora cita uma entrevistada que declarou para a escrita da dissertação que a Rádio Difusora AM era o quartel general do Partido Social Democrático (PSD) e que a Rádio Colon AM era da UDN.

É isso mesmo, havia uma certa briga entre os dois, sabe?. É como essa história, em 61 eu estava trabalhando na Tupy, a secretária da Tupy já traduzia o discurso, ou passava para estenografia para todo mundo ler e aquilo já saía no rádio, o outro lado fazia a mesma coisa. Eu acho que a rádio influencia muito, como hoje a TV. Porque uma mentira repetida 20 vezes, torna-se uma verdade.

Como o objetivo desta entrevista era focar no viés político que envolvia as emissoras, a pesquisadora volta a citar o nome de Jota Gonçalves e, mais uma vez, Jutta enfatiza que o negócio dele na rádio era com as empregadas e como não se recorda do discurso, compromete-se de telefonar para algum conhecido para saber mais detalhes. “Elas adoravam o Jota Gonçalves”, volta a repetir, desta vez destacando que elas eram

as empregadas domésticas. E, certamente, conclui ela com a entrevistadora, por causa disso ganhou votos e se elegeu vereador e deputado estadual pelo PSD. Ela não se nega em conversar sobre política, no entanto, repete com ênfase que tinha aversão à política e, por isso, não dava atenção.

Quando a entrevista começa a chegar ao seu final, a autora pede a narradora para contar o que lembra de Wolfgang Brosig, fundador da primeira rádio de Joinville, a Rádio Difusora AM. O pai dele, lembra, era muito elegante. Sobre a mãe, não tem nada a dizer porque não se recorda direito dela. No entanto, tem registrado em sua mente a casa da família Brosig, na rua Pedro Lobo, onde foi construída a sede da emissora, em 1951. “Para nós irmos à casa da vó, nós passávamos lá na casa, a gente via o velho posudo, a casa bonita. Para nós aquilo era um castelinho, a garça, o lagozinho na casa, a garça”, descreve.

Jutta explica que conhecia mais a irmã de Brosig do que ele mesmo. “A gente via ele na rua. Meio nervozinho, sempre correndo. Aí ele casou com essa Juracy. Eles moraram num bangalo. Depois morreu a filha, foi um bafafá na cidade”. Em poucas palavras, a narradora relembra um dos fatos mais negativos da família Brosig, quando a filha do casal Iara Silvia, recém-casada, morreu num acidente de carro.

Considerações finais

A proposta de desenvolver uma entrevista piloto com a senhora Jutta Hagemann, de 85 anos, como sendo uma possível ouvinte de uma das três primeiras rádios formadas em Joinville, nas décadas de 1940 a 1970, deixou um alerta à autora de que nem todos os idosos gostavam de rádio e/ou ouviam rádio, mesmo sendo ele o principal veículo de comunicação do século 20. Se a intenção da tese tem enfoque nas relações políticas existentes na emissora e das influências políticas das rádios e dos locutores com seus ouvintes, é preciso localizar narradores que, pelo menos, demonstrem o interesse pelo rádio e também pela política.

A entrevista piloto elaborada foi baseada primeiramente na coleta de dados a respeito da personagem que não deixou claro se gostava de ouvir rádio, se tinha algum tipo de relação com a política e se percebia que as rádios e os locutores tinham e influenciavam politicamente os ouvintes.

Jutta, apesar de declarar que não era uma ouvinte assídua, relatou fatos de sua vida ligados ao rádio, voltados ao contexto cultural e social daquele período, o que não inviabilizou a entrevista produzida para este artigo. Ao contrário, provocou na autora a necessidade de buscar entre os idosos aqueles que realmente se coloquem como ouvintes das emissoras em estudo. E ainda, que tenham tido uma forte relação com as rádios a fim de analisar se eles como ouvintes têm a percepção da existência de influências políticas estimuladas por alguma emissora e/ou alguns locutores.

Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- _____. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Institucionalização e expansão da História Oral: dez anos de IOHA**. In: **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, v. 10, n.1, jan-dez. 2006. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral.
- MEDEIROS, R.; VIEIRA, L. H. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.
- MUSTAFÁ, Izani. **Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora AM. A Radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)**. Joinville: Casamarca Ecodesign, 2009.
- ORTIZ, Renato. **ORTIZ, Renato. Um outro território: Ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1996.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Bibliografia referencial e fontes

- BÖBEL, Maria Thereza; THIAGO, Raquel S.. **Joinville – os pioneiros: documentos e história: v.1 – 1851 a 1866**. Joinville: Univille, 2011.
- TERNES, Apolinário. **História de Joinville: uma abordagem crítica**. Joinville: Meyer, 1984.

Monografias, dissertações e teses

- BIANCHI, Graziela. **Mediatização radiofônica nas memórias da recepção: Marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias de relações dos ouvintes com o rádio**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, 2010.
- DE MARCO, Benhur. **O controle da Mídia: Elites e a Radiodifusão em Santa Catarina**. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1991.
- PAVAN, Ricardo. **Tradições e contemporaneidade na Mediatização das Identidades Culturais: As configurações humorísticas radiofônicas do Top Show e os sentidos produzidos por ouvintes do Extremo-Oeste de Santa Catarina**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, 2011.

Entrevista

Jutta Hagemann, entrevista concedida à autora em 23 de junho de 2011. Joinville (SC).

Jornal

Notícias do Dia, 18 e 19 de junho de 2011, pp.18-19